

# O lugar do ser e as artes na *paideia*: que legado?

S u s a n a L e m o s

Professora Auxiliar Convidada na Universidade da Beira Interior e Investigadora do  
LabCom - Comunicação e Artes - UBI  
susanalemosferreira@gmail.com

## Resumo

Na antiga grécia, durante o período helenístico, a educação era entendida pelos valores morais que defendia, constituindo-se, segundo Marrou (1996:158), como um "estado de um espírito plenamente desenvolvido com o intuito de formar o homem para se tornar verdadeiramente homem", espírito esse, que só se realiza cabalmente, através da educação. A educação artística era considerada fundamental na *paideia* helenística. Um dos maiores legados que vamos encontrar na educação e nas manifestações artísticas, nesta época, converge para um processo de autodescoberta a partir de um olhar interior e exterior do ser humano.

**Palavras Chave:** Artes, Educação, Cultura, Ser Humano

## Abstract

*In ancient Greece, during the Hellenistic period, education was understood by the moral values it defended, constituting, according to Marrou (1996:158), as a "state of a fully developed spirit with the aim of training man to become truly human", this spirit, which is only fully realized through education. Artistic education was considered fundamental in Hellenistic paideia. One of the greatest legacies that we will find in education and artistic manifestations, at this time, converges to a process of self-discovery from an interior and exterior look of the human being.*

**Keywords:** Arts, Education, Culture, Human Being

## Lugar do Ser e as Artes na Paideia

No século XVI, João Amós Coménio (2006:119) diz-nos que: “O homem tem necessidade de ser formado, para que se torne Homem.” Distanto cerca de 2000 anos da cultura grega, vamos encontrar actualmente no pensamento de Coménio, pensador, teólogo e educador, nascido no século XVI, na actual República Checa, os mesmos princípios que estiveram na génese do pensamento grego, marcando a educação na paideia e que muito contribuíram para o desenvolvimento da educação mediante uma perspectiva universalista, que considerava o Homem como a “...a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas.” (Coménio, 2006:81) sendo que, a sua completude, só se efectuará com a educação. Deste modo, distinguir-se-ia das restantes criaturas animais. Este pensamento, marcado por uma visão antropocêntrica do Homem, remete-nos para inúmeras reflexões de filósofos, pensadores, professores, teólogos, sociólogos, artistas, entre tantos outros que, herdeiros da cultura grega ao longo dos séculos, nos têm lembrado o quão importante é o Homem, enquanto cidadão do mundo, e a humanidade da qual é parte integrante. A ideia de cidadão - indivíduo que pertence à Pólis, conceito empregue para a definir a cidade grega - acarretava um conjunto de regras, um conjunto de direitos e deveres, que tinham como intuito promover o bem comum com vista à edificação colectiva de uma sociedade justa, segundo as leis.

Segundo Maria Helena Pereira (1970:419) vamos encontrar nas artes plásticas gregas diversas características que refletem a natureza do povo que as originou sendo estas, o “racionalismo, clareza, sentido de harmonia e da proporção. Nelas se reflectem as características peculiares de cada época: o esforço pelo inteligível, na fase arcaica; o sentido da superação da matéria, na clássica; o poder de observação, gosto pelo concreto, pelo individual, pelo singular, na helenística.” Os conceitos helénicos traduzem-se no “poder de observação, gosto pelo concreto, pelo individual, pelo singular”, manifestam-se na arquitetura, escultura, pintura e desenho, através dos ideais de proporção, equilíbrio, simplificação, com o objectivo de atingir um arquétipo de beleza. Não obstante a importância atribuída à música, cujos princípios de harmonia, de ritmo e de equilíbrio prevaleciam, constatamos, nas inúmeras representações desta época, a criação de um arquétipo do ser. Na continuidade de um pensamento lógico que buscava a elevação suprema, o filósofo Pitágoras defendia o número como o princípio ordenador de todas as coisas. Esta idealização na representação do corpo humano, vai estar presente em todas as manifestações da arte grega: pintura, dança, arquitectura, cerâmica, escultura. O corpo era criado à medida do cosmos, ou seja à ordem do mundo, ao equilíbrio, à beleza, à harmonia. Fazia parte da busca de cada ser cumprir esse ideal em si próprio, alcançando, assim, um modelo de ética e de virtude. Os professores e pensadores Florence Braunstein e Jean-François Pépín

(2001:51) dizem-nos que o “corpo está no centro das aventuras das grandes personagens da Antiguidade e também no centro dos seus mitos. Corpos cantados, louvados, enfeitados, os corpos dos heróis não cessaram de inspirar os escritores e os artistas dos séculos seguintes. Alimentaram as nossas lendas, os nossos mitos.” Ainda hoje, não só nas manifestações artísticas mas também no quotidiano dos dias, evocamos o arquétipo dos heróis, os seus corpos idealizados e encontramos nos mitos fundadores da antiguidade clássica o reflexo de acontecimentos presentes. No seguimento deste pensamento, e estabelecendo uma ponte com o desenho, relembramos as palavras do professor e artista plástico Rogério Ribeiro (1999:13) que nos diz que o “Homem aprende consigo mesmo através do que retira da sua imagem, do que tece no contorno consigo próprio, dos conceitos de beleza, de harmonia, da métrica de proporção, das regras que lhe permitem “agarrar” o sentido fugidio das formas e interrogar-se e atribuir-lhe um discurso perceptível.” Nesta afirmação constatamos a indubitável presença dos princípios subjacentes aos cânones e à permanência da presença do corpo, enquanto meio privilegiado do ensino artístico, que remonta à antiguidade clássica. Estamos perante um legado inquestionável e que nos recorda a importância do lugar do ser no ensino e na arte. Diz-nos ainda que de forma incansável: “o corpo permanece através dos tempos exercendo o mesmo insondável mistério de matriz, de fascínio, de paixão na busca infinita de uma descoberta, da perfeição, do belo supremo inexistente” (1999:13). Contudo, os gregos não concebiam a arte e a educação sem um propósito de elevação do ser e esse propósito era alimentado através do resgate de um ideal humano, que não se circunscrevia unicamente à dimensão matéria. Quedemo-nos por instantes nesta ideia e questionemos a importância da mesma no contexto artístico e pedagógico actuais. Quão perto ou longe nos encontramos deste ideal de humanidade? O poeta romano Juvenal refere numa frase, que ecoa até aos dias de hoje, a importância da *mente* *sã* enquanto condição para um *corpo* *são*. Podemos afirmar que esta fonte de inspiração que o corpo oferece vai muito para além do corpo por si. As narrativas associadas às lendas e aos mitos fundadores deste ideal que os gregos tanto buscavam, encerrava uma busca pela essência do ser. E nessa busca, o ser travou e continua a travar batalhas enormes consigo próprio: com o seu ego, com as suas crenças e valores, com as suas emoções, com os seus actos erráticos... travessias que afinal, e de forma metafórica, espelham a vida de cada ser humano numa tentativa de superação pessoal, de alcançar, como refere Homero na sua Odisseia, a tão almejada *Ítaca*, a casa, à chegada. Importa referir de que forma ecoaram os princípios resultantes deste processo de autodescoberta do ser humano a partir de uma visão holística capaz de abarcar corpo mente e espírito. Na Idade Média, por exemplo, os alquimistas buscavam a pedra filosofal capaz de transformar o metal mais vil em ouro. Uma metáfora para a transformação alquímica do ser no sentido de uma busca de elevação do espírito.

## Cultura e Educação na Paideia

Na paideia grega a palavra *cultura* relacionava-se de forma análoga com o conceito de *educação* (Pereira, 1970:337) necessitando o ser humano de ser cuidado desde muito cedo. Toda a educação tem por objectivo a preparação da criança para se tornar um homem, desenvolvendo todas as suas potencialidades, sendo esta perspectiva continuada ao longo da vida. Esta designação amplifica-se constituindo-se como o corolário não só da preparação intelectual do ser mas, também, do seu desenvolvimento espiritual. São considerados Helenos todos aqueles que participam da paideia entendida como cultura, sendo que o que une todos os gregos, sem excepção, é o facto “de buscarem eles adaptar-se a um mesmo tipo ideal de humanidade, o facto de terem recebido a mesma formação orientada para esse fim comum - a mesma educação” (Marrou, 1966:159). À época, o ensino acontecia, não raras vezes, mediante a itinerância dos filósofos que viajavam por diversas terras fixando-se, pontualmente, em algumas cidades. Desta época, relembremos a importância dos conhecimentos, criados e transmitidos pelos Sofistas e que foram exponenciados no período helenístico possibilitando, mais tarde, já na Idade Média, a criação do Trivium e do Quadrivium que se constituíram como as artes liberais (Pereira, 1970:339). Relativamente aos estudos filosóficos, nesta época, tornam-se inovadores os pensamentos provenientes do Estoicismo e do Epicurismo, e disso são exemplo a concepção do “homem do Kosmos helenístico” (Pereira, 1970:400) e um homem cosmopolita (*Kosmopolites*) entendido com um cidadão do mundo.

Durante muito tempo a metodologia em ensino assentou as suas premissas numa transmissão de saberes de forma unilateral. Somente a partir dos séculos XVIII e XIX é que a educação começou a ser entendida numa perspectiva bilateral mediante aquilo que actualmente, para nós, é quase uma evidência na relação bilateral entre professor e aluno. A ideia de formar cidadãos remonta à cultura grega e aos seus princípios fundadores assentes num conjunto de valores que continuam a ser alvo de questionamento e de descoberta de novas estratégias e que têm como foco cada ser. A educação através da escola é também um meio onde as diferenças sociais se atenuam e onde se consegue definir um conjunto de regras capazes de dotar os cidadãos de determinadas competências. Dos valores idealistas que estiveram na génese da paideia grega encontramos hoje, a escola como um lugar onde é expectável que não só o indivíduo se forme enquanto cidadão, mas que, simultaneamente, se capacite para o mercado de trabalho tendo presente o contexto, já tão longínquo de uma crença na era do pleno emprego. Talvez possamos considerar uma utopia a ideia que esteve na génese da escola enquanto lugar promotor de igualdade de oportunidades para todos os seres. Hoje criam-se modelos que pretendem ser inclusivos mas que ainda não contemplam toda a diversidade humana e suas particularidades. Resgatamos ideias que já há muito se encontram nos arquivos da memória do Homem. A educação integral, por exemplo, termo

defendido pelos princípios da Antroposofia em finais do século XIX, situava o desenvolvimento do ser humano nas diversas dimensões que este comporta, sendo estas: emocional, cultural, física, intelectual, social e espiritual. Actualmente, estes conceitos adquiriram uma renovada perspectiva face às directrizes do Ministério da Educação nos quais foram estabelecidas as Aprendizagens Essenciais e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória como directrizes basilares das mais recentes estratégias curriculares.

A educação implica sempre uma transmissão de saberes e de valores que incontornavelmente vão moldar o indivíduo através de uma mudança de atitudes gerada a partir da filtragem que cada ser lhe faz. E esta captação da informação que o ser humano opera, remete-nos para a dimensão sensorial que o neurocientista António Damásio (2020:55) desvela a partir da seguinte afirmação: “O saber é construído pelos sistemas sensoriais - visão, audição, sensações corporais, paladar e olfato - com a ajuda da memória.” Segundo o autor, o conhecimento só se revela através desta intermedialidade que permite à mente ganhar consciência e sem ela nada se pode saber. Parece-nos interessante estabelecer uma relação com a *educação consciente* na paideia helenística, referida por Jaeger (1995:3) e que abarcava um conjunto vasto de matérias de estudo que, de forma análoga e sem o saber científico a que hoje temos acesso, compreendia a dimensão sensorial na sua formação. Interessa-nos perceber de que forma, do ponto de vista científico, a transmissão de saberes e de um conjunto de valores através da educação, consegue modificar o ser humano, elevando-o espiritualmente ou capacitando-o com ferramentas capazes de ampliar a consciência da sua dimensão humana, numa relação com o todo, do qual faz parte integrante. António Damásio (2020:164) refere que a “consciência foi indispensável para a ascensão das culturas humanas.” O autor considera a evolução da consciência de forma indissociável da própria história humana e reforça a importância dos sentimentos enquanto veículo capaz de vivenciarmos experiências e de nos tornarmos conscientes. Ao cuidarmos dos nossos sentimentos, estamos a cuidar da nossa consciência. E esse será talvez um dos grandes saltos em termos evolutivos para o Homem, até porque consideramos, tal como Edgar Morin (1999:12) que: “O nosso presente está em busca de sentido, mas o sentido não é originário, não vem do exterior dos nossos seres. Emerge da participação, da fraternização, do amor.”

Werner Jaeger (1995:3) diz-nos que “todo o povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação.” Neste contexto, importa referir que o legado deixado pela cultura grega pressupõe a transmissão de um saber habitado em diferentes dimensões do ser. Entre as várias modalidades capazes de moldar a alma e o corpo, os gregos atribuíam um enorme significado ao culto do corpo devendo cada ser exercitar-se. A prática da educação física, tal como hoje, fazia parte da aprendizagem dos gregos. Por outro lado a dimensão do sagrado estava presente na idealização dos corpos à semelhança dos inúmeros deuses que criaram e

cujos modelos correspondiam aos ideais de beleza, conferindo uma dimensão sagrada através da mágica criada em torno da visão de um Olímpo povoado de divindades idealizadas. A propósito de uma reflexão sobre a *forma* e remontando a uma ideia que situa a formação do pensamento de Nietzsche imbuído pelos *estudos da Antiguidade*, Maria Filomena Molder (2014:151,152) fala-nos que “esse vigoroso movimento - que nós ainda continuamos a achar que é próprio dos Gregos - de transformar a experiência do mundo e a experiência consigo próprio em configurações dotadas de consistência e perfeição interna, luminosas, graciosas e belas, era a resposta redentora e catártica a uma aguda visão da abundância irrepresentável, da potência desmedida derramada pelas inescrutáveis forças da natureza, forças de metamorfose nas quais a estabilidade e a fixação das formas se dissolve constantemente.” Talvez este movimento se encontre na gênese da natureza humana e se desdobre perante nós, através das coisas que despertam, tal como dizia Merleau Ponty (2004:23) “um eco no nosso corpo, porque ele as acolhe.”

Referindo-se ao século XX, Morin (1999:30) considera que houve uma perda na compreensão da gênese na necessidade de saúde e da religião. Defensor do mito enquanto elemento socializador e componente essencial da realidade, Morin (1997:30) diz-nos que “entre o homo sapiens e o homo demens, loucura e sabedoria, não existe uma fronteira nítida.” O século XVIII impôs-nos uma visão marcada pelo racionalismo estabelecendo a separação com o meio religioso sendo este, à época, circunscrito à igreja, a uma *invenção dos padres*, como refere. Hoje confrontamo-nos com uma perda do sagrado, com a carência que se sente quando a magia não habita em nós. Falta-nos essa dimensão mágica na vida. Mas não só, precisamos de nos sentir mágicos também. Seres encantados e que encantam. O ser humano continua em busca permanente. Hoje o toque de mágica encontra-se à distância de um clique nos biliões de telefones móveis, conhecidos por telefones inteligentes e que desvelam ínfimas partes do mundo e dos seres. Imortalizamos a alma já não no sentido intermediático no qual Platão a situava, fazendo a ponte entre o mundo sensível e inteligível, mas através de inúmeros veículos e *gadgets* que criam no ser uma adição semelhante à de qualquer estupefaciente.

Talvez estejamos em busca do estado poético, aquele que Edgar Morin valoriza enquanto necessidade humana e na forma como este é capaz de provocar uma “sensação de transpormos os nossos próprios limites, de sermos capazes de comungar com aquilo que nos ultrapassa.” (2003:133). Para o autor, o estado poético é um estado de emoção e encontra-se presente da afectividade, revelando-se inúmeras vezes como um estado de exaltação, de alegria, de encantamento, aquela *loucura divina* de que nos falava Platão (Morin, 2003:133). Não nos interessa explorar, no presente contexto, a infinidade de possibilidades que contribuem para que o ser humano se deixe permear por estados de entusiasmo, mas importa evidenciar o papel determinante que os sentimentos possuem, tal como nos elucida Damásio no seu livro *Sentir &*

Saber, enquanto fenómenos catárticos capazes de gerar, no ser humano, estados de elevação espiritual e de consciência. É precisamente nesses estados *de graça*, imbuídos de alegria e de afectividade, que nos encontramos numa fusão com o todo. E este aspecto, em particular, parece-nos determinante pelas possibilidades que se abrem enquanto processo de transfiguração do real tão necessário à arte e ao ensino. O *estado poético* (Morin, 2003:133) “purifica a ansiedade, a preocupação, a mediocridade, a banalidade.” Quedemo-nos nesta ideia que se constituiu como um enorme legado que nos faz recuar ao tempo da paideia helenística e ao conjunto de valores que defendia e que promoviam a formação do ser humano de forma integral. Importa referir a dimensão do sagrado, presente nestes ideais e que se enquadra numa via empírica de conhecimento, opondo-se a uma via positivista de início do século XIX onde o racionalismo impera e a dimensão fenomenológica do ser encontra na ciência a sua explicação e verdades irrefutáveis. Continuamos a acreditar que é nessa busca pelo ideal humano, cimentada através da educação e da prática de valores, que podemos iniciar uma transformação cabal no ser humano, certos de que: “A verdadeira transformação só poderá realizar-se com uma transformação entre si, operando assim uma transformação global, a qual retroagiria sobre as transformações de cada um.” (Morin, 2002:78)

### **Que legado?**

Certos de que os valores defendidos na paideia grega situam o indivíduo num plano de corresponsabilidade social, hoje podemos questionar esse mesmo papel. Temos nós a consciência de que somos herdeiros deste enorme legado? Onde se encontram os princípios iluministas que fecundaram a célebre frase proclamada na revolução francesa que defendia a igualdade, liberdade e fraternidade? Relembrando a importância e a repercussão que estes ideais tiveram na instrução pública durante a república, Alexandre Herculano, no seu opusculo (Herculano, 1939:42) diz-nos: “Foi ela que primeiro considerou a instrução à luz da nacionalidade; que primeiro a saudou como uma garantia individual; como uma dívida do estado para com os seus membros: foi ela que primeiro disse – a república deve dar aos cidadãos uma instrução geral.” Quedemo-nos por instantes nesta ideia. Seguros destes princípios fundadores e que alicerçam toda uma civilização ocidental, importa questionar até que ponto nos sentimos igualmente responsáveis pelo nosso desenvolvimento permanente, que nos incita ao auto-aperfeiçoamento, a um olhar atento para si próprio que visa não só o aprimoramento mas um resgate deste sentido de pertença global. E interessa aqui sublinhar a ideia de interdependência, de correlação directa e de responsabilização pessoal entre aquilo que sentimos que é da responsabilidade do Estado, ou da família, ou da escola, e o que cada ser humano pode fazer para contribuir para o todo. Pensando por contraste, acreditamos que é no resgate diário dos princípios e valores que uma dimensão mais humana e fraterna nos podem trazer, que conseguimos,

tal como refere Edgar Morin (1997:10), perceber que “o nosso mundo da separação, da dispersão, da finitude, é também o da atração, do encontro, da exaltação.” Aproximamo-nos do pensamento de Filomena Molder no sentido em que se trata não de um confronto *contra*, mas *como resposta ao caos*.

“...o amor à forma, enquanto constituição de uma figura sustentada por um princípio interno de perfeição e de beleza, engendra-se no coração de um combate nunca levado ao seu termo, não contra o caos, mas como resposta ao caos, um prolongamento projectivo da compreensão que surpreende a inseparabilidade das forças destrutivas e criativas da natureza, da vida” (Molder, 2014:152)

Constatamos que este desafio tem estado presente com o passar dos séculos. Avanços e recuos permanentes na história da aprendizagem humana. Hoje encontramos-nos num limiar de incertezas e exaustos, mas escravos, de uma sociedade que funda a sua dinâmica política, cultural e social em valores maioritariamente economicistas. Edgar Morin (2002:74) alerta-nos para a falta de “uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento que seja não apenas material mas também intelectual, afectiva, moral...” e, de uma forma visionária, acrescenta face à vulnerabilidade do Homem, relativa ao surgimento de novos vírus e ao reaparecimento de bactérias julgadas praticamente extintas, que “a morte ganhou terreno no interior das nossas almas” (Morin, 2002:75) e com isso um crescendo de angústia, de desespero e de falta de esperança. À época em que Edgar Morin escreveu estas palavras, encontravamo-nos longe de pensar na possibilidade de vivência de uma situação pandémica como a que atravessámos hoje. Certos de que a educação é um terreno fértil capaz de transmutar valores e crenças, esta torna-se igualmente numa missão de resgate do humano, mas não só. Acreditamos, tal como Morin, na esperança e nos recursos infinitos de criação que o Homem possui. Morin fala-nos de uma cidadania terrestre, de uma consciência planetária, do cidadão da Terra-Pátria e que, à luz da paideia helenística, podemos considerar como uma renovação da democracia. E esta “regeneração democrática supõe a regeneração do civismo, a regeneração do civismo supõe a regeneração da solidariedade, isto é o desenvolvimento da antro-po-ética.” Esta ideia defendida por Morin no início do século XXI (2002:121), e que consideramos profundamente actual, direciona-se para uma reformulação da escola enquanto um laboratório onde o jovem se inicia na sua vida democrática. Estes conceitos reflectem a paideia helenística que buscava na aprendizagem o cultivo de virtudes no ser humano. Voltemos a encontrar a nossa dignidade humana, relembando Pico della Mirandola no seu discurso sobre a dignidade do Homem, imersos num estado onde os valores primordiais do ser humano, como o amor, a equidade, a temperança, a harmonia, a ética entre tantos outros que estiveram na génese da cultura grega. As maiores virtudes prendem-se com a nobreza de carácter

e esse é um domínio que não vamos encontrar na matéria. Neste caminho, que de uma forma metafórica corresponde à Odisseia de Homero ou a outra epopeia grega, vamos aprendendo a lidar com as nossas emoções, com os nossos desafios e a superar as inúmeras resistências que a travessia contém. Talvez estejamos a viver um momento particularmente profícuo e que apela, diariamente, à nossa reivenção enquanto seres humanos e profissionais, e à compreensão de que é precisamente na passagem pelas mais turbulentas provações que percebemos as almas mais nobres, a *aretê* que os gregos tanto buscavam e que nos deixaram como enorme legado.

---

### Referências

BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François (2001). O Lugar do Corpo na Cultura Ocidental. Lisboa: Instituto Piaget.

DAMÁSIO, António (2020). Sentir & Saber - A Caminho da Consciência. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.

COMÉNIÓ, João Amós (2006). Didáctica Magna. Tratado Universal de Ensinar Tudo a Todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HERCULANO, Alexandre (1939). Opúsculo. Tomo VIII - Questões Públicas. Tomo V. 3ª edição. Lisboa: Livraria Bertrand.

JAEGER, Werner (1995). A Formação do Homem Grego. São Paulo: Martins Fontes.

MARROU, Henri-Iréné (1966). História da Educação na Antiguidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MERLEAU-PONTY, Maurice (2004). O Olho e o Espírito. Lisboa: Vega.

MOLDER, Maria Filomena (2014). As Nuvens e o Vaso Sagrado. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

MORIN, Edgar (1999). Amor, Poesia, Sabedoria. Lisboa: Instituto Piaget.

MORIN, Edgar (2003). O Método V. A Humanidade da Humanidade - A Identidade Humana. Mem Martins: Biblioteca Universitária, Publicações Europa- América.

MORIN, Edgar (2002). Os Sete Saberes para a Educação do Futuro. Lisboa: Instituto Piaget.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1970). Estudos de História da Cultura Clássica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Rogério (1999) in "A Permanência do Corpo, Academias da Escola de Lisboa". Lisboa: Ed. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

### Fontes de internet:

<https://www.youtube.com/watch?v=fFNDdEjmkI0&t=489s> consultado em 11 Novembro de 2020